



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

PERCEPÇÕES SOBRE LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR: RELATO DE PESQUISA

Rita Rodrigues de Souza

Professora do Instituto Federal de Goiás

Mestre em Letras e Linguística- UFG

Doutoranda em Linguística Aplicada - Programa de Pós-Graduação da UNESP

RESUMO: Este artigo apresenta as percepções da comunidade escolar de um dos câmpus do Instituto Federal de Goiás sobre as práticas de leitura desenvolvidas no Ensino Técnico Integrado de nível Médio. Sabe-se que para fomentar propostas de ensino de leitura frutíferas para a vida social do discente, faz-se necessária a compreensão do contexto em que ele está inserido. Esse é um dos eixos que justificam a realização dessa pesquisa. Como forma inicial de reflexão sobre essa temática, partiu-se do seguinte objetivo geral: compreender a(s) concepção(ões) e práticas dos discentes, docentes e técnicos administrativos acerca da leitura escolar. Buscam-se, dessa maneira, subsídios para ressignificar as atividades de leitura e promover uma formação cidadã mais sólida para a atuação em contextos diversos: ensino-aprendizagem, entretenimento, trabalho, relações interpessoais, necessidades individuais, enfim, para as mais variadas instâncias da vida. Os resultados, de modo geral, acenam para a necessidade de configurações diferenciadas para um trabalho institucional sistemático com a leitura, para além do trabalho docente em sala de aula. E, também, podem contribuir para o diálogo com outros docentes interessados na temática.

PALAVRAS-CHAVE: discentes; docentes; técnicos; concepções de leitura

ABSTRACT: This article presents the perceptions of the school community of a campus of the Instituto Federal de Goiás on reading practices developed in the Technical Education Integrated Medium level. It is known that proposals to enhance reading instruction for fruitful social life of the student, it is necessary to understand the context in which it is inserted. This is one of the axes which justify the conduct of this research. As early form of reflection on this theme, we started with the following general objective: understand (s) design (s) and practices of students, teachers and administrative staff about school reading. Are sought in this way, subsidies to reframe the activities of reading and promote a more solid citizen training for working in different contexts: teaching and learning, entertainment, work, interpersonal relations, individual needs, in short, for a variety of instances life. The results, in general, point to the need for different configurations for a systematic



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

institutional work with reading, in addition to teaching in the classroom. And, too, can contribute to the dialogue with other teachers interested in the theme.

KEYWORDS: student; teacher; technical; concepts of reading

Introdução

Este artigo se ocupa da tarefa de apresentar as perspectivas da comunidade escolar de um dos câmpus do Instituto Federal de Goiás (doravante IFG) sobre a relação entre as práticas de leitura no contexto escolar de Ensino Técnico Integrado de nível Médio no período de agosto de 2011 a julho de 2012.

Sabe-se que ler e escrever na escola e fora dela representam desafios para os atores do processo de ensino-aprendizagem: professor e aluno. Para o primeiro, a tarefa de promover a leitura e a escrita exige dele formação, espírito investigativo e abertura ao diálogo. Já em relação ao segundo, em fase de consolidação de conhecimentos da educação básica e preparação para o mundo do trabalho (Lei nº. 9394/96, Art. 35) e ao mesmo tempo inserido num contexto tecnológico amplo e diversificado, tem que realizar escolhas, focar a atenção nas exigências próprias de cada instância em que convive: escolar, familiar, grupos de amigos reais e/ou virtuais.

Para fomentar propostas de ensino de leitura frutíferas para a vida social do discente, faz-se necessária a compreensão do contexto em que está inserido o jovem acadêmico, bem como o que ele pensa sobre o ato de ler. Segundo Lerner (2002), os atos de leitura não se realizam de forma "natural" na escola, para isso basta fazer uma analogia das atividades escolares de leitura e as extraescolares. Por isso, buscou-se responder os seguintes questionamentos: que práticas de leitura são desenvolvidas no IFG?, e qual a concepção dos discentes, professores e técnico-administrativos acerca das atividades de leitura?.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

No decorrer do artigo, buscar-se-á evidenciar ao leitor uma amostra do que anseiam os participantes da pesquisa por meio das respostas cedidas nos questionários e entrevistas. E, também, uma reflexão a partir dos dados apresentados em confronto com alguns apontamentos teóricos sobre leitura na escola e documentos oficiais.

1 Algumas leituras sobre o ato de ler

O não reconhecimento da leitura como atividade com múltiplas utilidades, e uma delas escolar gera uma desvalorização da mesma. Ora o aluno a emprega com fins estritamente práticos: obter a média de aprovação, não para um desenvolvimento intelectual sólido, ora a usa como forma de confronto ao que a escola propõe, lendo outros textos fora da proposta escolar, mas concomitante à mesma. Parece haver uma sinalização que algo está fora de sintonia. Deve ser de interesse da comunidade escolar a investigação dos implícitos dessa situação "e encontrar caminhos para resolver a tensão existente na instituição escolar entre a tendência à mudança e a tendência à conservação, entre a função explícita de democratizar o conhecimento e a função implícita de reproduzir a ordem social estabelecida" (LERNER, 2002, p.19).

A leitura assume várias concepções de acordo com os distintos métodos de ensino/aprendizagem de línguas, os quais trazem explícita ou implicitamente uma concepção de língua. Nos anos cinquenta, por exemplo, com o auge dos métodos Audiolingual (norte-americano) e Situacional (britânico), a leitura é tratada como sinônimo de decodificação. Pois esses métodos tiveram como fundamentação as correntes da linguística estrutural que concebe a "língua como um sistema de elementos relacionados estruturalmente para codificar o significado" (RICHARDS; RODGERS, 1998, p. 23). O objetivo do ensino/aprendizagem de língua limitava-se, então, ao conhecimento dos elementos do sistema linguístico nos níveis: fonológico, sintático e lexical. E atualmente, por exemplo, conforme aponta Castela (2011), há a possibilidade de se unir à abordagem interacional de leitura aspectos discursivos da leitura como enunciação desde a perspectiva da área da Análise do Discurso de linha francesa.

O trabalho com o texto pode constituir-se num processo de reconstrução do mesmo. Para que essa reconstrução ocorra, há que se atribuir importância aos diferentes tipos de textos e às diferentes leituras que o leitor poderá fazer conforme argumentam Paulino et al, (2001). Desse modo, segundo Zilberman e Silva (2000, p. 115) "uma pedagogia da leitura de cunho transformador propõe,



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

ensina e encaminha a descoberta da função exercida pelo(s) texto(s) num sistema comunicacional social e político”.

A visão pedagógica do trabalho com a leitura em sala de aula requer, então, uma investigação criteriosa das condições de produção e o que os documentos oficiais, currículos e livros didáticos sugerem que seja trabalhado em cada série, bem como o papel de mediador do docente. Assim, as condições de produção de leitura, como a existência de parâmetros curriculares, material de leitura na escola, a infraestrutura adequada, o preparo do professor, o nível de compreensão e interesse do aluno são elementos para práticas exitosas de leitura. Contudo, pode haver ótimos livros, infraestrutura adequada, professor com excelente domínio de leitura, mas falta a adequação ao nível de compreensão e interesse do discente ou outros elementos didáticos, contextuais ou de outra ordem que estão corroborando para a existência de tensões e paradoxos em relação às propostas de leitura escolar e extraescolar.

Independente dos fatores que provocam tensões e desajustes entre os participantes do processo de ensino aprendizagem de leitura é consenso entre estudiosos e o sistema governamental de que a escola tem um papel fundamental na inserção das pessoas no mundo letrado. Conforme Lerner (2002, p. 19): “a função da instituição escolar é comunicar saberes e comportamentos culturais às novas gerações, a leitura e a escrita existem nela para ser ensinadas e aprendidas”.

A dedicação no processo investigativo, sobre como agir de modo pedagógico significativo no ensino de leitura, representa uma demanda contínua. Sempre haverá algo para dizer, questionar, renovar, pois as mudanças sociais, sejam elas quais forem, implicarão em transformações nos usos da linguagem, como ela pode ser ensinada e aprendida. Para enfatizar isso, Lerner (2002, p.21-22) advoga que

Ao formular como conteúdos do ensino não só saberes linguísticos como também as tarefas do leitor e do escritor: fazer antecipações sobre o sentido do texto que se está lendo e tentar verificá-las recorrendo à informação visual, discutir diversas interpretações acerca de um mesmo material, comentar o que se leu e compará-lo com outras obras do mesmo ou de outros autores, recomendar livros, contrastar informações provenientes de diversas fontes sobre um tema de interesse, acompanhar um autor preferido, compartilhar a leitura com outros, atrever-se a ler textos difíceis, tomar notas para registrar informações a que mais tarde se recorrerá, escrever para cumprir diversos propósitos.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

Os modos de proceder descritos refletem possibilidades de trabalho. Cabe ao educador adequá-los às necessidades do aluno e ao contexto de trabalho. Para isso, um bom início seria realizar um diagnóstico para daí tentar intervir, pois a análise diagnóstica pode contribuir para obtenção de subsídios para novas propostas de trabalho com a leitura. Nessa ressignificação do trabalho docente, vê-se que o olhar do discente e o contexto constituem, seguramente, elementos importantes a serem considerados. E para Lerner (2002, p.97):

O desafio de dar sentido à leitura tem, então, uma dimensão institucional e, se essa dimensão é assumida, se a instituição como tal se encarrega da análise do problema, se seus integrantes em conjunto elaboram e levam à prática projetos direcionados a enfrentá-lo, começa a se tornar possível encurtar a distância entre os propósitos e a realidade.

Muito se pode fazer nesse sentido. Inicialmente, perceber quando e como se materializa a não leitura: indisciplina, nos confrontos, na indiferença, ou no silêncio. Os agentes educacionais, além do professor, também podem promover a interação texto/leitor. Para isso, é necessário serem leitores competentes e formar outros leitores, também, competentes. Isto é, que sejam capazes não só de abstrair os significados importantes de um texto (inclusive as intenções do autor), mas interagir com eles de forma cooperativa, usando conhecimentos prévios com a finalidade de se posicionar de maneira crítica e consciente (MEY, 2001). Saber como a escola propõe alcançar essa meta e saber qual é a recepção por parte do aluno pode ser uma informação valiosa para propor encaminhamentos mais coerentes desde o ponto de vista pedagógico.

O desenvolvimento do aluno em relação a capacidade de análise dos recursos expressivos da linguagem, considerando textos/contextos nas condições de produção e recepção, isto é, atribuindo importância à “intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e produção, recepção de ideias, de escolhas” (BRASIL, 1999, p. 153), configura-se uma prática imprescindível. Pois, assim ele saberá como ler tanto textos que se propõem informar, entreter, argumentar quanto persuadir; presentes no meio escolar ou extraescolar, como defendem Paulino et al, (2001).

Para Grigoletto (2002) e Paulino et al (2001), não é suficiente introduzir uma diversidade de textos na escola, é necessário, também, levar os alunos a perceberem os vários sentidos que um só texto pode apresentar e que cada tipo de texto exige uma recepção distinta, que deve ser ensinada, pois



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

conforme os textos se diversificam no contexto social, também as leituras devem ser diferentes e fomentadas na escola.

Em consonância com a concepção de leitura, presente neste trabalho, que é a leitura como capacidade do leitor de se transformar e transformar o texto, de maneira crítica; é que se considera pertinente que texto, de acordo Kaufman e Rodríguez (1998) e Kleiman (2000) é uma unidade linguística significativa, constituída de forma organizada por uma base linguística (categorias lexicais, sintáticas, semânticas e estruturais) e por elementos extralinguísticos. Kaufman e Rodríguez (1998) denominam estas duas bases de organização da unidade linguística de elementos cotextuais e elementos contextuais, respectivamente. E estes elementos se relacionam para materializar as intenções do autor em confronto com o sujeito leitor (MEY, 2001).

Conforme as Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM – (BRASIL/MEC, 2006, p 31), as atividades de leitura, nas aulas de Língua Portuguesa, devem primar pela integração de conteúdos e habilidades em que se exija do discente um papel ativo na construção do conhecimento a partir do texto:

Em síntese, deve-se assinalar é que uma análise discursiva integradora das diferentes dimensões envolvidas na produção de sentidos pode permitir que os alunos construíssem uma consciência linguística e metalinguística essencial para a sua formação. Vale ressaltar que essa consciência só se alcança em razão de o aluno ser orientado, nas práticas de ensino e de aprendizagem, para uma atuação ativa no trabalho com o texto, a qual requer a contínua transformação de saberes (textuais, pragmáticos e conceituais, além dos especificamente linguísticos) relativos às diferentes dimensões envolvidas em um texto ao atualizar determinado gênero.

Respeitadas as particularidades de cada disciplina escolar, pode-se dizer que todas podem contribuir para o desenvolvimento da capacidade de leitura do discente, tendo em vista que o texto também é a base onde se assenta o conhecimento delas, que se organiza em diferentes gêneros.

Na perspectiva das OCEM (BRASIL/MEC, 2006, p. 33), as práticas de leitura devem sim contemplar, dentro da diversidade de textos no âmbito escolar, o texto literário que se caracteriza pelo uso estético da palavra “e que os eventos de leitura se caracterizem como situações significativas de interação entre o aluno e os autores lidos, os discursos e as vozes que ali emergirem, viabilizando, assim, a possibilidade de múltiplas leituras e a construção de vários sentidos”.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

No sentido do que já foi colocado pelas OCEM (BRASIL/MEC, 2006), o Documento Base: Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrado ao Ensino Médio (BRASIL/MEC, 2007, p. 41) prevê uma formação do discente que transcenda o fazer prático, ou seja, que o jovem seja capaz de refletir sobre ele, compreendê-lo a partir de bases teóricas, para isso, neste documento defende-se que o aluno dos Cursos Técnicos Integrados tenha uma formação humana que garanta “ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política“. Nessa vertente, no currículo as atividades de leitura devem contemplar o aluno com ator, considerando suas características e necessidades e a sociedade em que está inserido.

Na sequência, apresenta-se o caminho percorrido para o desenvolvimento da pesquisa.

2 Material e Métodos

2.1 Percursos teóricos: delineamentos da pesquisa

Trata-se de um estudo de caso do tipo análise situacional, já que se refere ao estudo de um caso particular: uma das unidades dos câmpus do IFG, delimitação de categorias: docentes, discentes e técnicos administrativos. Segundo Severino (2007), um estudo de caso precisa ser necessariamente representativo de um conjunto de casos análogos. E, para conferir fiabilidade ao processo da pesquisa optou-se para a coleta de dados a aplicação de questionário e a realização de entrevista.

GRESSLER (2003, p. 146) argumenta que “um instrumento é válido quando mede aquilo que se propõe a medir, isto é, obtém informações que realmente são necessárias para um estudo.” E, também, comenta que dados quantitativos referem-se às informações numéricas que demonstram a atuação de um determinado estudo ou fenômeno e os qualitativos são aqueles que refletem um atributo que determina a natureza de um objeto, fenômeno ou pessoa, em termos de eficiência, habilidades, atitudes.

Nos resultados da pesquisa, obtiveram-se dados quantitativos, porém ela está fundamentada nos princípios do método qualitativo. Esse método é considerado, como dito anteriormente, refere-se a um processo ativo, sistemático e rigoroso de investigação, no qual se tomam decisões sobre o objeto investigado, conforme diz Serrano (1998).



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

No método qualitativo, a teoria constitui uma reflexão na e a partir da prática; tenta-se compreender a realidade e descrever o fato no qual se desenvolve o acontecimento; aprofundam-se, também, nos diferentes motivos que desencadearam os fatos e considera-se o indivíduo como um sujeito interativo, comunicativo, que compartilha significados, segundo afirma Serrano (1998). Esse conjunto de características nos possibilita dizer que esse método torna-se mais apropriado ao contexto de investigação no ensino que a investigação quantitativa. Pois, dessas características se depreende que o método qualitativo “favorece a compreensão de dois mundos, aparentemente, tão desconexos: o apresentado pela teoria e [o representado pela] prática” (SERRANO, 1998, p. 26).

Porém, Larsen-Freeman e Long (1994) argumentam que os paradigmas de pesquisa – quantitativo e qualitativo – não têm que ser rigidamente separados em dois extremos, mas podem se complementar. Contudo, um prevalecerá.

Na próxima seção, relatam-se sobre os procedimentos para a seleção dos participantes da pesquisa e os instrumentos para coleta de dados.

2.2 Delimitação: participantes e instrumentos de pesquisa

Foram usados dois instrumentos de coleta de dados: questionário e entrevista, por amostragem, conforme Gressler (2003). E para que esses instrumentos tivessem fiabilidade, pediu-se permissão formal aos participantes para o uso das respostas como dados da pesquisa, por meio do termo de consentimento livre esclarecido.

Por meio de questionários, com perguntas abertas e fechadas, aplicadas por amostragem a 10% da população de cada segmento pesquisado, obtiveram-se os primeiros dados. Desse modo, foram aplicados 38 questionários para os acadêmicos dos Cursos Integrados; 6 para docentes e 4 para técnicos administrativos. Primeiramente, procedeu-se à contagem dos discentes, docentes e técnicos administrativos com o auxílio de listas de chamada e registro de ponto; em seguida, a partir da porcentagem definida, fez-se um sorteio dos membros representativos da comunidade acadêmica.

Realizou-se, também, entrevista para obtenção de dados para a pesquisa e diagnóstico das possíveis causas da resistência à leitura proposta pela escola. Questionou-se, por exemplo: o que é ler para o acadêmico, quando e como ler, a existência ou não de um canal de divulgação dos serviços e do acervo; falta de recursos humanos para efetivar as atividades culturais e acadêmicas; e, principalmente, a desmotivação dos alunos para leitura escolar.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

O questionário do discente foi elaborado com seis questões. Por meio delas, visou-se, primeiramente, obter informações sobre a identificação do leitor. Na segunda parte, as questões pautaram-se sobre a leitura, incluindo a concepção, tempo dedicado à atividade de leitura, a visão do discente sobre as práticas de leitura e os gostos pessoais de leitura.

Buscou-se manter o mesmo número de questões em relação ao questionário discente. E, ainda, procurou-se estabelecer um diálogo entre as questões com objetivo de se ter a possibilidade de compreender o posicionamento do discente e do docente frente à atividade de leitura. Dessa maneira, questionou-se ao docente sobre a concepção de leitura dele, tempo de leitura, materiais de leitura usados em sala de aula, sobre as propostas de atividades de leitura, dificuldades com o trabalho de leitura com os alunos e, também sobre o gosto pessoal.

No que tange ao questionário aplicado aos técnicos administrativos, foram enfatizadas as seguintes questões: a concepção de leitura; consumo, gosto e tempo de leitura; a visão dos técnicos acerca do trabalho com a leitura na escola e a importância que conferem ao ato de ler e o que os discentes deveriam considerar também.

Em síntese, os questionários aplicados aos discentes, docentes e técnico-administrativos, por amostragem, procuraram dialogar entre eles. Esse diálogo foi importante tendo em vista que as vozes presentes neles são portadoras de ricas informações que podem contribuir para uma revisão do que se está realizando no âmbito da atividade de leitura no IFG. A tentativa de buscar compreender o que realmente essas vozes estão dizendo constitui o desafio da pesquisa realizada.

Após a aplicação dos questionários aos discentes, leitura dos mesmos, e uma análise prévia dos conteúdos de cada questão, foi elaborado o protocolo de entrevista. Por meio dele, pretendeu-se ratificar algumas informações obtidas pelo questionário e também, saber outros aspectos da leitura discente no contexto institucional.

Na mesma direção da entrevista discente, a do docente busca confirmar informações extraídas dos questionários. Também, na quarta questão do protocolo, o docente foi convidado a se posicionar frente a uma citação sobre mecanismos institucionais que podem dificultar a efetiva realização de atividades de leitura na escola.

As questões de entrevista elaboradas para os técnicos administrativos, de modo objetivo, questionaram os representantes desse segmento acerca da leitura e, principalmente, do papel deles para o desenvolvimento dela na instituição.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

Como se percebe, ao longo da apresentação dos instrumentos utilizados para a coleta de dados, os questionários e as entrevistas foram cuidadosamente pensados e elaborados de modo a permitir uma leitura dos dados em que se possa transitar de um segmento para outro, contrastando diferentes percepções de um mesmo objeto: a leitura na escola.

Na seção três, apresentam-se os resultados obtidos.

3 Resultados

Foram aplicados 38 questionários, 27 deles foram respondidos e entregues, sendo treze participantes do gênero feminino e catorze do masculino com faixa etária entre quinze e dezoito anos. Então, esse segmento totalizou quase 75% de participação. Houve a tentativa de se abarcar todas as séries e todos os Cursos Técnicos Integrados por amostragem. Ressalta-se aqui que apenas os cursos de Eletrotécnica e Informática, em 2011 tinham turmas de concluintes, ou seja, quarta série.

Os dados mostram que a concepção de leitura dos discentes pesquisados se pauta em basicamente três pilares: interpretação, imaginação e conhecimento, em ordem crescente de valorização. Desse modo, pode-se dizer que, para esses discentes do ensino técnico integrado do IFG, ler é sinônimo de obter conhecimento. Visão bem prática e imediata, característica desse público/geração, como se pode verificar nas seguintes falas:

Pra mim, é uma forma de se desligar do mundo, viver uma história diferente. É aprender a ver as coisas de forma diferente. (Edificações, 2ª série)

A leitura nada mais é do que a saída ou permanência do mundo real ao qual habitamos. Refiro-me a saída nos momentos em que a leitura nos faz viajar em um mundo diferente do nosso, nos faz pensar e imaginar algo que em partes pode ser não real, exemplo disso são as histórias de ficção científica. Já a permanência se trata da prática de exercitar a leitura em cima de fatos e histórias presentes em nosso cotidiano, ou seja, fatos que realmente acontecem, exemplos disso podem ser atribuídos à alguns romances, editoriais e charges (presentes em jornais) que podem trazer temáticas que vão desde a violência até a prática do bem estar social. (Eletrotécnica, 4ª série)

Em relação às práticas de leitura que os discentes gostariam de vivenciar no IFG/Câmpus Jataí, podem-se enumerar quatro pontos que apareceram de modo recorrente nas respostas dos alunos, a saber:

1. Leituras atuais: Leituras atuais e que despertam a realidade em que vivemos. (Agrimensura, 1ª série)
2. Estimular o interesse: Gostaria de receber leituras interessantes, algo que não vimos muito, coisas novas. (Agrimensura, 3ª série)
3. Permitir a escolha do livro de leitura: Mais projetos relacionados a livros ao gosto do aluno, pois em geral, a maioria dos livros são os professores que escolhem (Informática, 2ª série)
4. Preferência pelos textos literários: A instituição se foca em livros específicos. Talvez, literaturas de aventura e ficção se tornariam mais interessantes, e seriam a chave para o interesse na leitura, como Ponto de Impacto (Dan Brown), Cidade do Sol, dentre outros. (Eletrotécnica, 4ª série)

Na figura um, percebe-se que a dedicação de tempo para a leitura dos discentes é baixa. A maioria lê menos de uma hora por dia.

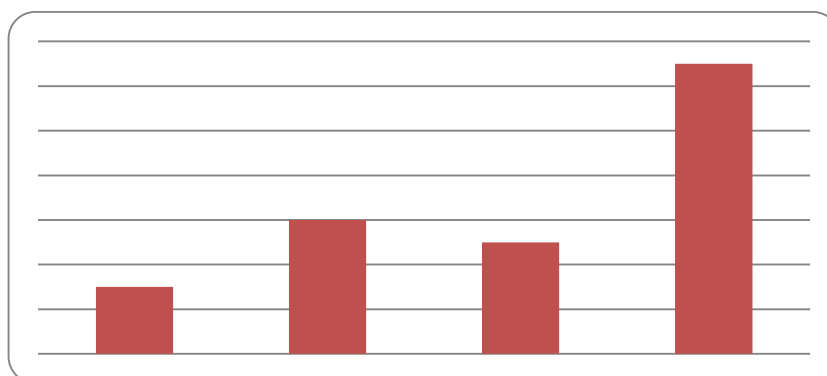


Figura 1 – Tempo de leitura dedicado pelos discentes por dia

Na avaliação das práticas de leitura na instituição, os discentes dividiram opiniões. Dentre os aspectos negativos, por exemplo, disseram que são práticas cansativas, obsoletas, se concentram somente na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira (LPLB), quando ocorrem. E o foco está na Literatura Brasileira relacionada aos estilos de época. O quadro um ilustra bem as avaliações feitas, veja:

Quadro 1: Síntese das avaliações da práticas de leitura no IFG/Câmpus Jataí



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
 ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
 ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

Pontos Negativos	<p>-Um pouco cansativas. (Agrimensura, 3ª série)</p> <p>-São meio obsoletas. (Edificações, 1ª série)</p> <p>-Não é bom. Porque poucas vezes a gente vê projetos em volta da leitura. (Eletrotécnica, 2ª série)</p> <p>-Pouco chamativas aos alunos, que as tratam mais como obrigação do que como prazer. (Informática, 2ª série)</p>
Pontos Positivos	<p>-Penso que são bastante desenvolvidas, o que atrapalha é o interesse dos alunos, que não é muito qualitativo. (Agrimensura, 1ª série)</p> <p>-É uma forma de aprender, conhecer alguns estilos literários e também de aprender novas palavras. (Edificações, 3ª série)</p> <p>-A instituição de ensino IFG desenvolve práticas de leitura frequentemente, porém essas práticas de leitura são mais concentradas na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira o que de certa forma ocasiona uma carência em outras áreas do conhecimento, uma vez que seria interessante a leitura de obras que abordassem, por exemplo, temas vistos nas áreas da História (pensamentos e análises de conflitos ocorridos), Geografia (desenvolvimento e crescimento de certos países e populações) e Física (curiosidades e histórias que relatam a vida de pesquisa de muitas personalidades importante ao conhecimento físico). (Eletrotécnica, 4ª série)</p> <p>-As práticas de leitura desenvolvidas são bem diversificadas e dependem da forma como cada professor transmite as ideias dos textos, mas dependem também do interesse do aluno em captar essas ideias. (Informática, 4ª série)</p>

Percebe-se um distanciamento em relação às opiniões dos alunos das primeiras séries e a dos alunos concluintes. Os últimos tendem a valorizar mais o texto literário em decorrência do exame do vestibular. Conforme os dados, os aspectos que mais os atraem em uma leitura são: o conteúdo que deve ser de fácil entendimento; a identificação com a obra, pois essa deve se aproximar da vida dele; o suspense, para que ele possa se prender à leitura; e, um bom motivo para realizar a leitura, como afirma esse participante: “O que me atrai em uma leitura é uma boa história, um bom motivo para ler” (Agrimensura, 3ª série).

As indicações de livros por parte dos alunos evidenciam a necessidade de se conciliar a tradição do cânone literário brasileiro e a literatura estrangeira contemporânea. Os títulos a seguir estão grafados conforme foram citados pelos discentes e foram os mais citados: *Memórias de um Sargento de Milícias*; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*; *Luzia Homem*; *Iracema*; *A biblioteca de Pilates*; *A biblioteca esquecida de Hitler*; *Percy Jackson*; *Código da Vinci*; *Diário de Shirad*; *A origem*; *Ponto de Impacto*; *Cidade do Sol*; *Crianças não choram*; *O caçador de pipas*; *A Batalha do Apocalipse: Da queda dos anjos ao crepúsculo do mundo*.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

Alguns participantes expuseram opiniões ao invés de sugestões de títulos para leitura na escola, como pontua estes discentes: “Minhas indicações de livros para serem lidos na escola, são os livros que podem vir a cair no vestibular, pois isso irá ajudar os alunos.” (Agrimensura, 3ª série) E, “sendo incentivada qualquer história é boa. Variados, porque são vários gostos na escola.” (Eletrotécnica, 2ª série)

Por essas participações, vê-se a insatisfação com a leitura proposta pela escola, pelo menos para os discentes das primeiras séries.

Jonathan Franzen, romancista americano, visita o Brasil pela primeira vez este ano e participa da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) e concede uma entrevista à Revista *Época*, dentre os assuntos tratados, destaca-se o seguinte ponto:

[...] *Época* – Como então seduzir as pessoas para algo tão antiquado quanto a leitura?

Franzen – O escritor precisa despertar o interesse do leitor com uma história original e de compreensão fácil. Não adianta querer fazer malabarismo experimental que o leitor vai fugir. Ninguém mais tem paciência para jogos de linguagem como os de James Joyce. *Quero ser legível*. O mercado de livros é competitivo. O desafio é alcançar ao mesmo tempo a relevância artística e a adesão do leitor. Como escrever ficção e ser verdadeiro? Eis o paradoxo. Infelizmente, no mundo de hoje, se você não vende, não alcança repercussão. [...] (*ÉPOCA*, 2 /07/2012, p. 110, grifo nosso)

Acerca da questão feita pela *Época*, o comentário de Franzen e a pesquisa relatada aqui, o que marca não é a leitura ser antiquada como coloca o entrevistador, pois sobre isso não há uma concordância, mas o fato que chama a atenção é a legibilidade discutida pelo escritor. Talvez a fala dele tenha muito a dizer para o docente e a comunidade escolar sobre o gosto declarado pelos discentes.

Tendo em vista, os posicionamentos discentes e as condições necessárias ao incentivo da leitura, o desafio não é pequeno, porém é possível. O aqui e o agora, como disse Lerner (2002), constituem fatores imprescindíveis para a construção de um processo de ensino aprendizagem de leitura com mais êxito.

Foram aplicados seis questionários para os docentes. Buscou-se contemplar as quatro áreas de conhecimento, da seguinte forma: um docente da área das Ciências Humanas e suas

Tecnologias; um das Ciências da Natureza e suas Tecnologias; um das Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e três de Matérias Técnicas. Em relação ao gênero, 50% dos participantes são do gênero masculino e 50% do feminino. Em relação ao tempo de leitura, é bastante expressiva a quantidade de docentes que declararam ler menos de uma hora. Aqui, refere-se aos seis participantes.

O conceito de leitura apresentado pelos docentes, no questionário, mostra que há uma discordância entre os docentes da Educação Geral (doravante DEG) e das Matérias Técnicas (doravante DMT). Para os primeiros a leitura é uma habilidade mais complexa e multifuncional, conforme expõe uma participante: “É uma habilidade de extrema importância em nossos dias, pois é uma das melhores formas de adquirir e organizar conhecimentos. Além do benefício à saúde, pois reforça as conexões entre os neurônios“ (DEG). Já para os DMT, a leitura adquire uma concepção mais prática é “busca da aprendizagem e novos conceitos técnicos“.

As figuras dois e três mostram uma síntese comparativa dos materiais de leitura mais explorados em sala de aula pelos DEG e pelos DMT. Como se pode visualizar, há um uso mais diversificado de materiais de leitura por parte dos DEG.

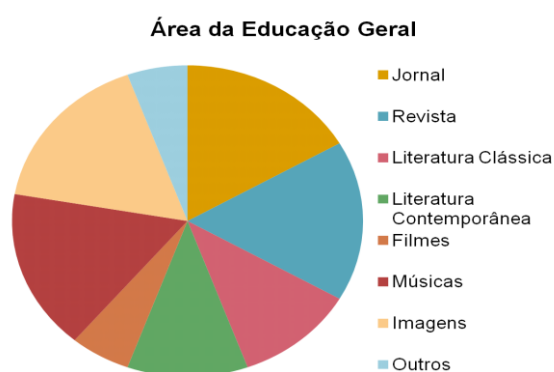


Figura 2 - Material de leitura

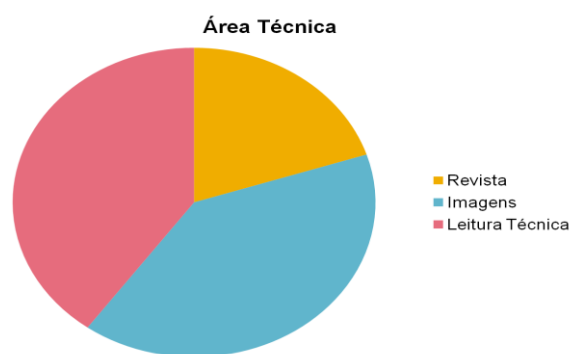


Figura 3 – Material de leitura

Dentre as propostas de leitura mais fomentadas pelos DEG, foram citadas: leitura plástica; leitura para resolução de exercícios e leitura para mobilizar diferentes vozes sociais. E os DMT citaram: leitura de livros técnicos e leitura de revistas técnicas e de atualidades.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

As dificuldades encontradas no desenvolvimento das atividades de leitura, segundo os DEG são: o analfabetismo de outros tipos de leitura, que não a convencional e a convencional; interpretação de texto; vocabulário limitado, e, por fim os alunos tomam a leitura como trabalho, deixando em segundo plano, o prazer. No que se referem às dificuldades apontadas pelos DMT, listam-se: interpretação de texto e falta de hábito de leitura dos alunos; falta de livros técnicos para a quantidade de alunos matriculados no curso e trabalhar a leitura técnica na sala de aula.

Segundo os DEG, o que mais atrai em uma leitura é “capacidade de interagir com o mundo ao nosso redor e a constituição de um conhecimento mais amplo. Ler é um exercício de indagação, de reflexão crítica, de entendimento... Permitir a formação de nossos próprios conceitos, explicações e entendimentos sobre realidades com as quais nos defrontamos”. E para os DMT é “descobrir novidades, aprender e fixar assuntos novos”.

Os participantes que se dispuseram a colaborar com a pesquisa, respondendo o questionário, são todos do gênero masculino. Três deles têm mais de quinze anos de trabalho dedicado à instituição e um tem dois anos. A faixa etária deles varia de 25 anos a 65 anos. Para efeito de esclarecimento, os técnicos administrativos serão denominados aqui como T1, T2, T3 e T4.

No que tange à questão um: O que é leitura para você?, dos quatro técnicos, todos concordam que a leitura é um importante caminho para se obter conhecimento. A leitura não é feita somente através de palavras, é feita também a partir do momento em que você interpreta algo, independente do que seja, como atesta o participante T1: “ Leitura é uma experiência cotidiana de abstrair significado do mundo, por meio da escrita, da visão, do tato, audição das imagens onde analisamos as informações por meio da nossa visão de mundo.”

Em relação ao segundo questionamento: Que tipo de leitura você mais consome?, os participantes enumeram: leitura técnica da área de Biblioteconomia, para a realização das atividades no trabalho; política; esportes, bom livro, e leitura bíblica. No que tange à terceira questão, que trata sobre o tempo de leitura, há uma tendência à pouca prática de leitura, pois só um lê mais de três horas, um duas horas, outro não sabe dizer, mas afirma que lê pouco, e o outro lê menos de uma hora.

A questão quatro: Na biblioteca, quais são os três títulos/gêneros mais solicitados pelos discentes dos Cursos Técnicos Integrados? (Somente para a biblioteca), foi respondida por um dos servidores que lá atua – T1 –, da seguinte forma: “Depende da disciplina que está sendo ministrada e da sugestão bibliográfica do professor e do curso. O sistema da biblioteca não permite pesquisar



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

nesses parâmetros.“ Segundo T1, o sistema da biblioteca não permite pesquisar exatamente quais os títulos mais solicitados.

Sobre o papel desempenhado pelo IFG para que o aluno passe a gostar de ler, dos quatro técnicos, dois afirmaram que a instituição não contribui o suficiente para que o aluno goste de ler, pois não incentiva com projetos ou não programa novos métodos. Apenas um dos técnicos diz que é suficiente o papel da instituição, porém não justificou. E o outro ignora, pois, não conhece como é feito o trabalho dos docentes por isso não pode opinar. Não tem contato com os professores e alunos em relação ao que é desenvolvido na leitura.

E a última questão, que solicita um argumento dos técnicos para convencer os discentes a praticar a leitura dos 4 técnicos, todos concordam que a leitura é essencial para se ter uma formação mais completa e argumentam ainda que sem a leitura fica difícil obter conhecimento, ou que a leitura te ajuda a ter uma visão mais interessante e abrangente do mundo.

Para a realização da entrevista, optou-se pelo sorteio de somente um representante discente de cada Curso Técnico Integrado para não sobrecarregar nem a aluna pesquisadora e nem os discentes participantes. Pois, nessa fase da pesquisa, os discentes estavam sobrecarregados com atividades acadêmicas: provas, trabalhos, reposições de aula. Assim, participaram quatro discentes dos últimos anos do curso, sendo: dois dos terceiros de Agrimensura e Edificações, mais dois dos quartos anos de Eletrotécnica e de Informática.

Participaram duas alunas – uma do Curso de Edificações e outra do Curso de Eletrotécnica - e dois alunos, sendo um do Curso de Agrimensura e o outro do Curso de Informática.

No atinente à definição do ato de ler por meio de uma frase, pôde-se extrair que ler é, principalmente, uma atividade realizada para obter conhecimento. Depois, vem o fator prazer, como colocam: “Ler é uma atividade complexa, mas ajuda a aprender.“ (Edificações, 3ª série) e “É uma viagem gostosa, curiosa.“ (Eletrotécnica, 4ª série).

A respeito do uso da leitura em atividades escolares, os discentes disseram que, basicamente, fazem uso da leitura em todas as atividades que envolvem a escola, mas principalmente: “Para ler livros e resolver atividades em todas as matérias“, conforme discente da 3ª série de Agrimensura.

Quanto à leitura na escola e fora dela, dois dos participantes afirmaram que se lê com o mesmo objetivo: compreender algo (Edificações, 3ª série; Eletrotécnica, 4ª série); e, dois negaram que



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
 ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
 ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

o objetivo seja o mesmo e ainda argumentaram: “Não. Na escola leio para aprender e tirar nota. Em casa, para ter informação sobre algo do meu interesse” (Agrimensura, 3ª série) e “Não, mas servem mais tarde quando precisar.” (Informática, 4ª série)

Acerca da capacidade de realização de todas as atividades de leitura propostas no contexto escolar, dois participantes disseram que sim, conseguem atender toda a demanda de leitura exigida no contexto escolar. Os outros dois disseram que não, segundo o discente da 4ª série de Informática é porque são muitas as atividades e ele trabalha; o da 3ª série comenta que não consegue “porque nem sempre compreendo o que é para ser feito. E também dá preguiça”.

As sugestões dos quatro discentes pesquisados, para os professores, em relação às atividades de leitura foram: sugerir leituras mais curtas, livros mais atuais e mais projetos de leitura na escola. O interessante é que essas sugestões corroboraram as informações obtidas nos questionários, como por exemplo: o gosto dos discentes por leituras mais contemporâneas e a percepção deles de que não há no IFG um trabalho extraclasse com a leitura.

Das entrevistas realizadas, foram escolhidas duas por serem representativas das outras quatro. Apresentam-se, no quadro dois, os comentários de um DEG e de um DMT. Esclarece-se que foram mantidos os aspectos da oralidade dos textos nas transcrições a seguir:

Quadro 2: contraste DEG e DMT

<i>DEG:</i>	<i>DMT:</i>
A participante é professora de Língua Inglesa, graduada na área, com experiência de 5 anos. Atua em todos os Cursos Técnicos Integrados e em todas as séries, exceto nos quartos anos.	O participante é professor da área de Geomática, graduado e mestre em Geografia, com experiência de quase 20 anos de docência no Ensino Técnico Tecnológico.
1 [...] podemos dizer que uma leitura só pode ser considerada eficaz a partir do momento em que o leitor consiga não apenas decodificar um sistema linguístico, mas compreender, interpretar e dialogar com o texto, estabelecer inferências, sintetizar as ideias e conseguir articulá-las.	1 Leitura é tudo! É conhecimento! É por meio dela que desenvolvemos o saber, a criticidade.
2 Bem, como eu estou sempre fazendo propostas de leitura e compreensão eu acredito que não tem nenhuma resistência, não.	2 Sim. Tem muita dificuldade de compreensão. Ler e entender o texto.
3. Nós trabalhamos a partir de técnicas de leitura,	3 Leitura de textos técnicos da disciplina para



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

estratégias de leitura, identificação de cognatos, utilização de palavras chaves para a compreensão do texto, geralmente, nós trabalhamos com diferentes gêneros textuais, desde notícias jornalísticas até artigos científicos.	aprendizagem de conteúdos e leitura de textos atualizados sobre a área. Infelizmente, a participação do aluno está relacionada à nota e não ao aprendizado.
4. [...] acredito que todos os professores precisam trabalhar a leitura de forma que leve os alunos a compreender a função sociocomunicativa de cada texto, de um artigo científico, por exemplo, qual é a função, o que o autor quer passar com aquele texto, deve levar os seus alunos para atentar para essa questão, pra que eles possam produzir também, não só reproduzir o que lhes é passado.	4 Que o papel do professor, principalmente o de língua, é fundamental para o desenvolvimento da leitura crítica. Acredito que falta debate na escola sobre obras literárias. Isso ajudaria muito despertar no discente um olhar diferenciado para a leitura.

A partir do contraste das posições do DEG e do DMT, percebe-se que a atividade de leitura para ambos é muito importante, é fundamental no processo de ensino aprendizagem. Porém, cada um faz uma defesa da leitura em que se evidenciam: uma preocupação em dizer os conteúdos que são trabalhados, no caso do DEG; um trabalho voltado especificamente para a área técnica, ênfase dada pelo DMT; que há dificuldade de leitura do discente e não resistência; e, por último, o papel que os docentes podem desempenhar no desenvolvimento discente em relação à leitura. Vê-se que as próprias respostas do DEG e do DMT falam por elas mesmas.

Para a entrevista com os técnicos, foram escolhidas duas servidoras que trabalham diretamente com os discentes: bibliotecária e uma servidora que atende no Setor de Apoio Pedagógico. Foram mantidos os aspectos da oralidade dos textos nas transcrições apresentadas no quadro três. Pode-se perceber que ambas se mostram preocupadas com o trabalho com a leitura na escola. Porém, como já foi manifestada, até mesmo por parte dos docentes, a tarefa da leitura é uma tarefa somente do docente.

Na próxima seção, apresentam-se algumas considerações sobre o trabalho de pesquisa desenvolvido, os resultados e análises.

4 Considerações finais

Retomando as questões: Qual a concepção dos discentes, docentes e técnico-administrativos do IFG acerca das atividades de leitura? Algo que ressalta em todas as falas de todos os segmentos pesquisados é que a leitura é fundamental para o desenvolvimento



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

intelectual e pessoal de qualquer pessoa. De modo geral, a concebem como fonte de conhecimento. Os discentes deixaram claro que ler é uma atividade que exige trabalho. Talvez, por isso, para alguns não seja uma tarefa tão prazerosa. Enquanto, que para os DEG e DMT a leitura é tida com base para o desenvolvimento das suas disciplinas. Os DEG parecem evidenciar com mais clareza que as atividades de leitura devem permitir a construção de sentido. Os DMT são mais pragmáticos, no sentido próprio dessa palavra, pois ler é obter informação sobre conteúdos de suas disciplinas técnicas. Em relação aos técnico-administrativos, embora concebam a leitura como fonte de saber, falam sobre ela de modo romântico, prezando mais o lado do prazer e da ludicidade, como muitos discentes também o fizeram.

E que práticas de leitura são desenvolvidas no IFG? Das vozes dos participantes discentes e docentes, depreende-se que as práticas de leitura desenvolvidas no IFG se restringem, principalmente, ao contexto de sala de aula, ora priorizando textos literários, indicados pelos professores da Língua Portuguesa; ora leitura de textos diversificados como revistas e jornais; ora de textos técnicos relativos às disciplinas do curso. Na visão dos técnico-administrativos que atuam em setores que não lidam diretamente com discentes, as atividades de leitura parecem que existem somente no contexto de sala de aula, porque no contexto extraclasse não conseguem identificar nenhuma prática de leitura. Já os técnico-administrativos que atuam diretamente com os discentes apontam a biblioteca como um lugar de realização da prática de leitura e guardião de um rico acervo. Entretanto, não foi mencionada nenhuma atividade realizada diretamente com os alunos.

A tensão e paradoxos, investigados na pesquisa, se evidenciam na divergência de objetos, interesses e tempo. Seria necessário um trabalho de pesquisa mais minucioso e em um período de tempo maior para que pudessem determinar com maior segurança os fatores que estão conduzindo professores e discentes por caminhos contrários. O que se pode dizer, no entanto, é que a tensão e o paradoxo existem, e por ora o que se consegue perceber é que as leituras que os jovens leitores preferem são de obras contemporâneas, atividades em que possam expressar a opinião sobre o que leram e um maior incentivo de toda a comunidade escolar. Talvez, para outros contextos esses apontamentos soem como ultrapassados, porém são muitos significativos para o contexto pesquisado. Não se pretendeu, de forma alguma, criticar o trabalho de nenhum participante, sabe-se que todos possuem suas limitações e potencialidades.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

Referências bibliográficas

BRASIL/MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais: para o ensino médio: conhecimentos de língua estrangeira moderna*. Brasília, 1999. P. 147-153.

_____. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas tecnologias*. Brasília, 2006. P. 17 - 46.

_____. *Educação Profissional Técnica de Nível Médio Integrada ao Ensino Médio: Documento Base*. Brasília, 2007.

CASTELA, Greice da Silva. Concepções de Leitura no Ensino de Línguas. *Revista Línguas & Letras*. Número Especial – XIX CELLIP, 2011.

FRANZEN, Jonathan. Me dei conta de que estava roubando Tolstói. *Revista ÉPOCA*, 2 /07/2012, p. 110.

GRESSLER, Lori Alice. *Introdução à pesquisa*. Projetos e relatórios. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

GRIGOLETTO, Marisa. Processos de significação na aula de leitura em língua estrangeira. _____ (Org.). *O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002. P. 103-112.

KATO, Mary Aizawa. *O aprendizado da leitura*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRÍGUEZ, Maria Elena. *La escuela y los textos*. Buenos Aires: Aula XXI – Santillana, Buenos Aires, 1998.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2000.

LARSEN-FREEMAN, Diane; LONG, Michael H. *An introduction to second language acquisition research*. New York: Longman, 1994.

LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.



EDIÇÃO Nº 04 JULHO DE 2013
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 05/06/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/06/2012

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MEY, Jacob L. *As vozes da sociedade: seminários de pragmática*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

PAULINO, Graça et al. *Tipos de texto, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

RICHARDS, Jack C.; RODGERS, Theodore S. *Enfoques y métodos en la enseñanza de idiomas*. Madrid: Cambridge, 1998.

SERRANO, Gloria Pérez. *Investigación cualitativa: retos e interrogantes: I. Métodos*. 2. ed. Madrid: Editorial La Muralla, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Pedagogia da leitura: movimento e história*. In: ____ (Org.). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000.